

O Estado de S. Paulo

11/1/1985

Confirmada ação do PT na greve

AGÊNCIA ESTADO

"Seria descabível se existisse qualquer movimento de trabalhador que não tivesse a presença e a solidariedade dos militantes e deputados do PT e, principalmente, da direção da CUT." A afirmação foi feita ontem, em São Bernardo do Campo, pelo presidente da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneghelli, ao justificar a presença de políticos do Partido dos Trabalhadores e da CUT na greve dos bóias-frias que se estende pelo interior do Estado de São Paulo. Meneghelli negou que estaria ocorrendo disputas políticas naquela região, conforme denúncia do deputado federal João Cunha (PMDB-SP), mas observou que a CUT acompanha a mobilização dos trabalhadores rurais desde a primeira greve que fizeram.

A CUT, informou Meneghelli, está dando todo o apoio necessário à formação do sindicato rural de Guariba "tanto em assessoria quanto em ajuda material, como máquinas e papel", pois, acrescentou, "está é uma das funções da central. Embora falasse em nome da CUT —já que não é dirigente do Partido dos Trabalhadores —, Meneghelli disse que "não é verdade" que o PT estaria acompanhando as greves com interesses políticos: "O PT está prestando sua solidariedade como faz com outros movimentos de trabalhadores, seja uma greve na Ford, na GM ou em qualquer indústria", explicou. Para ele, a razão principal das greves dos bóias-frias é "a precária situação em que vive o trabalhador rural, que o faz chegar ao desespero".

O presidente do Sindicato dos Químicos do ABC, Agenor Narciso, que também é da direção nacional da CUT, defendeu a presença da entidade e de políticos do PT junto ao movimento dos bóias-frias: "Os trabalhadores estão em greve não por causa da presença nossa lá, mas por causa da fome e dos baixos salários". Em sua opinião, é dever dos políticos demonstrarem apoio e "a partir do momento em que o PT não comparecesse a Guariba, seus representantes seriam iguais aos políticos profissionais dos outros partidos, que sempre mentiram para os trabalhadores".

Agenor Narciso, membro do diretório do PT em Santo André, disse lamentar as declarações do deputado João Cunha, ressaltando: "Nossa disputa não é política, mas sim por mais empregos e melhores salários". Membros do PT na região do ABC disseram desconhecer a afirmação do deputado João Cunha de que teria saído um ônibus de Diadema com destino a Guariba, levando lideranças do PT. "Isto é mentira", protestou Maria Rodrigues da Silva, do diretório municipal em Diadema.

PESSOAS ESTRANHAS

Já o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, disse ontem no Rio que o agravamento das dificuldades entre bóias-frias e empresários do setor canavieiro no Interior de São Paulo está sendo provocado, principalmente, pela presença de pessoas estranhas ao setor, que pretendem tumultuar todo o processo de negociações entre as duas categorias. "Na verdade, o que está acontecendo é muito mais a presença de estranhos ao meio, que estão, de uma certa forma, procurando acirrar ânimos, e isso está trazendo esses problemas", disse. "Nós temos procurado fazer com que os homens do campo se associem, seja no seu sindicato ou seja em suas cooperativas de trabalho, e isso tem ajudado. Não fosse isso, a presença dessas pessoas estranhas teria tornado o problema de maior gravidade."

Macedo informou que, no Interior do Estado, o Ministério do Trabalho tem "todo um programa em andamento, com uma certa velocidade, de implantação de cooperativas de trabalho, que é

a forma de fazer com que nosso homem do campo trate diretamente de seu trabalho com o patrão, assegurando todos os sete direitos". O ministro admitiu, porém, que problemas de ordem cíclica como a entressafra podem prejudicar essa programação. "Naquela região, no entanto, essa entressafra tem sido favorecida pelas outras formas de trabalho".

Quanto ao pagamento de um salário-desemprego para o período de entressafra, o ministro afirmou que a fórmula estabelecida pelo último acordo entre trabalhadores e patrões é extremamente viável. "Existe na própria legislação essa fórmula de ajuda ao trabalhador através do chamado auxílio-desemprego", explicou.

"Nós temos feito isso nas fábricas, nas empresas que despedem uma quantidade maior ou menor de trabalhadores durante um certo prazo, e podemos, evidentemente, com a participação dos empresários, estender também para o campo", concluiu.

(Página 11)